

## **CONTO, CONTINHO, CONTAÇÃO: O CAMINHO DA ORALIDADE E ENLEITURAMENTO ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

TALE, SHORT STORY, STORYTELLING:  
THE PATH OF ORALITY AND READING THROUGH STORYTELLING.

HISTORIA, CONTINUACIÓN, CUENTA:  
EL CAMINO DE LA ORALIDAD Y LA LECTURA A TRAVÉS DEL CUENTO

Ana Lucia Anunciação Santana  
<https://orcid.org/0009-0003-4588-8955>  
[analu\\_19san@yahoo.com.br](mailto:analu_19san@yahoo.com.br)

Flávia Catarino Conceição Ferreira  
<https://orcid.org/0000-0003-3429-4791>  
[flaviaccf@yahoo.com.br](mailto:flaviaccf@yahoo.com.br)

Valquíria Claudete Machado Borba  
<https://orcid.org/0000-0002-1855-439X>  
[vborba@uneb.br](mailto:vborba@uneb.br)

### **RESUMO**

Este artigo objetiva narrar uma experiência de contação de histórias no Ensino Fundamental com uma turma do 5º ano de uma Escola Municipal na cidade do Salvador, Bahia. Contar histórias favoreceu ao aprimoramento da práxis pedagógica dos educadores, considerando a importância da contação de histórias como instrumento de construção colaborativa do conhecimento, seguida pela possibilidade de identificação de mudanças com base na descrição dos processos de enleituramento dos discentes, bem como pelo envolvimento deles através da contação de história para outros alunos menores. Os resultados evidenciaram que os discentes desenvolveram outras habilidades previstas na Base Comum Curricular, além disso se tornam pequenos contadores de histórias. A conclusão revela que a contação de histórias pode ajudar os educadores na sala de aula, pois de maneira lúdica podem contribuir para que os seus alunos desenvolvam habilidades artísticas e literárias, bem como leitura autônoma de textos narrativos com a ajuda do professor e dos colegas, como também, o reconto de textos literários e histórias. A experiência da contação de história na sala de aula contribuiu para o desenvolvimento da oralidade e auxílio no processo de enleituramento dos educandos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contação de histórias. Oralidade. Enleituramento.

### **ABSTRACT**

This article aims to narrate a storytelling experience in Elementary School with a 5th year class at a Municipal School in the city of Salvador, Bahia. Telling stories favored the improvement of educators' pedagogical praxis, considering the

importance of storytelling as an instrument for collaborative construction of knowledge, followed by the possibility of identifying changes based on the description of students' reading processes, as well as their involvement through storytelling to other younger students. The results showed that the students developed other skills provided for in the Common Curricular Base, in addition to becoming little storytellers. The conclusion reveals that storytelling can help educators in the classroom, as in a playful way they can help their students develop artistic and literary skills, as well as autonomous reading of narrative texts with the help of the teacher and colleagues, as well as the retelling of literary texts and stories. The experience of storytelling in the classroom contributed to the development of oral skills and helped students in the reading process.

**KEYWORDS:** Storytelling. Orality. Reading.

### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo narrar una experiencia de narración de cuentos en la Escuela Primaria con una clase de 5º año de una Escuela Municipal de la ciudad de Salvador, Bahía. El relato de cuentos favoreció la mejora de la praxis pedagógica de los educadores, considerando la importancia del storytelling como instrumento de construcción colaborativa del conocimiento, seguido de la posibilidad de identificar cambios a partir de la descripción de los procesos de lectura de los estudiantes, así como su involucramiento a través del relato de cuentos a otros estudiantes más jóvenes. Los resultados mostraron que los estudiantes desarrollaron otras habilidades previstas en la Base Curricular Común, además de convertirse en pequeños narradores. La conclusión revela que contar cuentos puede ayudar a los educadores en el aula, ya que de manera lúdica pueden ayudar a sus estudiantes a desarrollar habilidades artísticas y literarias, así como la lectura autónoma de textos narrativos con la ayuda del docente y compañeros, así como el recuento de cuentos de textos y cuentos literarios. La experiencia de contar cuentos en el aula contribuyó al desarrollo de la oralidad y asistencia en el proceso lector de los estudiantes.

**PALABRAS CLAVE:** Narración. Oralidad. Lectura.

### **INTRODUÇÃO**

Contar história é uma arte milenar que faz parte da história da humanidade. Através da oralidade, saberes e culturas eram repassados sob as estrelas, ao redor da fogueira, debaixo das árvores, nas plantações e nas lidas da vida cotidiana de uma comunidade.

No tempo em que não havia escrita, o homem fazia o que o diferencia de todos os outros seres vivos: contava histórias, e nessa contação o conhecimento passava de geração em geração. Segundo Benjamim (2020), esses contadores se originaram de dois grupos de narradores: os viajantes que comercializavam

de vila em vila trazendo e levando relatos como mercadores que além de transportar produtos, levava e trazia histórias também, os sedentários camponeses, que por estarem fixo nos lugares, criavam suas próprias histórias e as perpetuava entre gerações. Uns eram mestres na arte de narrar e outros a aperfeiçoaram, associava-se ao saber das terras distantes com o saber do passado recolhido pelo trabalhador sedentário.

Seja para disseminar conhecimentos, ou para entretenimento, os contos sempre fizeram parte da vida do ser humano, não importando sua cultura ou origem. Inicialmente, por milênios, esse processo se deu de forma oral, com a invenção da escrita as histórias tomaram novas configurações, como lembra Busatto (2013, p. 8):

Da palavra falada à palavra escrita e à palavra lida, há uma mudança na solicitação dos sentidos. Enquanto falar se configura como um fato histórico-biológico, a escrita por sua vez, é concebida como uma técnica aprendida que exige uso de ferramentas específicas e ações claras para ser decifrada, como a leitura, que surge como consequência do ato de escrever.

A oralidade é a base da contação de história, como explica Benjamin (2020, p. 21) “a experiência que se transmite oralmente é a fonte da qual beberam todos os contadores de histórias.”, porém essa prática tem sido esquecida, chegando mesmo a quase cair em desuso, visto que, as pessoas cada vez mais têm se distanciado do uso da oralidade pelo excesso de informações imagéticas que assolam essa geração.

Fato é que, as histórias permeiam a vida dos seres humanos em todos os tempos. Por esse motivo, esse assunto vem provocado pesquisas e discussões ao longo do tempo. E, a principal relevância tem sido o encantamento dos seres humanos pelas histórias, tanto as histórias vividas quanto as histórias que só existem no mundo da imaginação. Segundo Coelho (1999) sejam histórias de boca ou histórias de livro, elas instigam as pessoas em qualquer idade, quando contadas de maneira a envolver o público ouvinte, então por que não utilizar desse instrumento tão valioso para enriquecer a aprendizagem das crianças? Utilizar esse recurso pode trazer benefícios para o desenvolvimento da leitura e das oralidades dos educandos durante o processo de enleituramento? É possível pensar que além de desfrutar do prazer de ouvir e contar histórias, os

educandos ainda, retomam uma importante arte já quase em desuso: a arte de contar e ouvir histórias.

## **A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

As histórias levam mensagens diferentes para quem as ouve e isso não depende simplesmente da intenção de quem conta, mas principalmente da reação de quem ouve, pois, as histórias ainda têm o poder de encantar a quem as ouve. Como reforça Busatto (2007, p. 75) “o segredo do poder da história é a compreensão essencial de que o importante não é o que acontece na história. O que vale é o que acontece dentro de nós, quando a ouvimos”.

A magia das histórias vai muito além do que pretendemos com ela. A partir do um momento em que ela é contada para um público de cem pessoas por exemplo, ela ganha cem significados diferentes e outros tantos sentidos, a depender de quem as ouve. Se no passado servia para veicular a cultura e ensinar aos mais jovens, hoje, ela tem seguido um percurso diferente.

Quem conta a história compartilha da sua sabedoria, contribuindo para o estabelecimento de sentidos para a vida e para o autoconhecimento, oportunizado pelo aprendizado por meio das personagens, por exemplo. “Afinal, as histórias refletem a sabedoria ancestral, sendo porta-vozes das memórias, das tradições e do imaginário dos grupos dos quais se originaram e fundamentam valores a serem aprendidos.” (Oliveira, 2022, p. 7).

Nos tempos atuais a contação de história tem um cunho de divertir, entreter, mas nem sempre foi assim. Além disso, hoje em dia as histórias são usadas até mesmo para fins terapêuticos, auxiliando no tratamento psicológico por ter fácil acesso ao mundo infantil, por ter uma linguagem metafórica que faz parte do mundo de imaginação da criança. Nesse sentido, Sunderland (2005, p. 16) diz que: “[...] para as crianças, a linguagem cotidiana não é a linguagem natural do sentimento. Para elas, a linguagem natural do sentimento é da imagem e da metáfora, como em histórias e sonhos”.

A criança ao ouvir a contação vai atribuir um significado à história de acordo com a realidade em que vive. É nesse processo que emergem as

possibilidades terapêuticas, seja pela identificação com a personagem, seja pelo riso ou pelo alívio de tensões. Por sua vez, a criança que narra a história desempenha um papel fundamental para que as outras crianças criem laços de afetividade que favorecem a ampliação das potencialidades terapêuticas da contação de histórias.

Com o passar dos anos e com o desenvolvimento das tecnologias, a escrita também evoluiu e hoje podemos encontrar os livros também nos formatos digitais. Os *e-books* e livros digitais, por exemplo, ampliaram os escritos e consequentemente os formatos dos contos:

Ao situarmos a linha do tempo para acompanhar a passagem da linguagem oral para a linguagem manuscrita, impressa e digitalizada, concluiremos que as culturas, oral, quirográfica e tipográfica contam uma história densa e curiosa, que podem ampliar essa reflexão e elucidar a transição da era imprensa à era digital. (Busatto, 2013, p. 9).

A oralidade, porém, não deixou de ser utilizada, pois continuamos usá-la para ler em voz alta, para narrar os contos e para comunicação de modo geral. Entretanto, ela passou a ser deixada em segundo plano apesar da sua importância, pois é a oralidade que coloca o sujeito na defesa por seu ponto de vista e lhe permite ser ouvido pela sociedade. Saber posicionar-se e ter a oralidade desenvolvida, ajuda na defesa que permite ao sujeito a argumentação e a não transferir para outros a sua fala. O fato é que as histórias precisam ser contadas nas escolas e nos espaços informais.

O enleituramento, termo defendido por Oliveira (2014), durante a sua pesquisa de doutorado, significa uma imersão no texto em que o sujeito leitor vai além da decodificação, utilizando sua leitura de mundo para associar a leitura, atribuindo sentido ao que lê. Assim, associa ou faz uma ponte entre outras leituras e sua visão crítica.

Uma ação que é continuada e ampliada cada contato com o texto que o cerca, enquanto faz a leitura do texto, imergindo do contexto dos acontecimentos da trama, interagindo com os personagens de forma tão intensa que percebe nuances de personalidades e desejos não formulados subentendidos na teia textual. (Oliveira, 2014, p. 2964).

A autora acrescenta ainda, que o enleituramento faz com que esse sujeito tenha lugar de fala com uma relação dialógica com o texto, indo além da simples decodificação do texto e trazendo luz e sentido ao texto, interligando com outros

escritos lidos, atribuindo assim significado a leitura.

Como está previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na Unidade Temática de leitura/ escuta (compartilhada e autônoma), habilidades: (EF15LP01), (EF15LP02), (EF35LP02), o acesso dos educandos à literatura promove o desenvolvimento do sujeito leitor, que termina por identificar os diversos gêneros textuais e seus suportes dentro da sua função social, compreender e divulgar a ideia central do texto, bem como antecipar e compartilhar acontecimentos, fazer inferências, utilizando para isso as leituras prévias, além da socialização de opinião com seus pares. Vinculando-se à temática, a BNCC (Brasil, 2019, p. 97) prevê que os educandos devem:

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

Educadores precisam elaborar atividades que desenvolvam de forma lúdica a leitura e a oralidade através da contação de histórias bem como ofertar literatura diversificada nos gêneros narrativos, pois precisam:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade. (Brasil, 2019, p.97)

O desenvolvimento da oralidade também é previsto na BNCC nas habilidades (EF15LP12) e (EF15LP13 p.95), evidenciando que devem ser trabalhados aspectos linguísticos e paralinguísticos como gestos e expressões corporais, tons de fala em diferentes situações. Essas habilidades são desenvolvidas quando os educandos participam de eventos como contação de histórias de maneira interativa e lúdica, fazendo parte do encantamento oferecido pelos contos de fadas. assim, os educandos conseguem:

(EF35LP24) Identificar funções do texto dramático (escrito para ser encenado) e sua organização por meio de diálogos entre personagens e marcadores das falas das personagens e de cena. (Brasil, 2019, p. 133).

Dessa forma, proporciona-se a estudantes o contato com múltiplas linguagens no exercício da contação de histórias e na representação com as

falas dos personagens, o que refletirá no seu desenvolvimento na oralidade, na leitura e na sua interação com seus pares bem como despertará um sentimento de pertencimento, garantindo, assim, o desenvolvimento das competências propostas nesse documento.

## **METODOLOGIA**

Adotou-se a pesquisa-ação que constou com etapas delimitadas a partir de objetivos específicos que foram: 1. Observar o desenvolvimento da oralidade dos alunos durante a contação de histórias; 2. Descrever os depoimentos dos alunos após a contação de histórias; 3. Identificar, a partir da observação o envolvimento dos alunos na contação de história e o enleituramento; 4. Traçar comparativo entre o que antecede o enleituramento dos alunos e os resultados após a ação de contar histórias. 5. Avaliar os resultados.

A turma que participou do processo foi a do 5º ano vespertino, composta por 35 alunos, dos quais alguns fizeram parte diretamente, os demais deram apoio. Eles foram divididos em 5 equipes. Para cada história, uma equipe. O restante da turma recebia o grupo convidado, os alunos do 1º ano da mesma escola, orientando e conduzindo as atividades propostas após cada apresentação. Houve envolvimento de todo o grupo, conforme o método adotado, pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é um instrumento de trabalho em grupo no qual todos os atores envolvidos na pesquisa são participantes ativos do processo, como esclarece Thiollent (1986, p.19): “[...] pela pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação”.

A escolha do método de pesquisa-ação se deve pelo fato de consistir em uma estratégia para o desenvolvimento do processo de ensino, conduzindo a possibilidades de utilizar a presente pesquisa para aprimorar o processo de aprendizado dos alunos da turma do 5º ano de uma Escola Municipal na cidade do Salvador, Bahia. Tripp (2005) analisando o método, considera-o como uma variedade de investigação, na qual se empregam técnicas de pesquisa, de

qualidade suficiente, para contribuir no planejamento e avaliação das aulas.

Foi escolhido o método, visando a interação dos educandos nas tomadas de decisão e em todo o processo interventivo, fazendo levantamento das dificuldades vivenciadas pelos educandos, a fim de que junto com eles, fosse possível buscar soluções nos níveis de leitura, oralidade e enleituramento. Tripp (2005, p.3) ainda acrescenta que: “a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.”

As atividades foram planejadas, admitindo-se as particularidades da turma selecionada entre outros fatores. Na primeira fase, os alunos apenas desfrutaram da contação de histórias como ouvintes, e, depois, sugerimos que escolhessem os contos que mais lhe agradaram, e propomos o projeto como uma maneira divertida de aprendizagem. Eles escolheram a turma que iria ouvir as histórias e sugeriram como iriam apresentá-las. Dividimos os personagens conforme a escolha deles também.

O projeto aconteceu na última unidade letiva e durou cerca de três meses, entre a organização e a culminância. Na data escolhida, o grupo fez uma carta convite à turma convidada. Foi uma contação de uma história por semana. Após cada apresentação, eles realizavam atividades de pintura com o tema da história monitorando a turma convidada.

A pesquisa ação foi uma oportunidade para desenvolver as atividades, observar o desenvolvimento das mesmas e realizar o registro descritivo de modo a alcançar os objetivos específicos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Como referencial teórico, foram trazidos autores que abordam o assunto de contação de história, oralidade e enleituramento os quais vêm sendo discutidos. Walter Benjamin (2020) relata que o contador de histórias está com os dias contados diante de uma sociedade permeada de informações. E com a extinção das narrações, perde-se a habilidade de ouvir e de contar as próprias

histórias, conseqüentemente a perda da tradição oral. Resgatar a contação de histórias pode trazer consigo o estímulo à oralidade, o prazer e a capacidade de contar a sua própria história?

Apesar da oralidade fazer parte do cotidiano dos educandos que a utiliza desde a mais tenra idade com o objetivo primário da comunicação, nota-se que muitos apresentam dificuldades em defender seus pontos de vista ou de expressar-se criticamente. Tendo em vista o exercício desse lugar de fala, faz-se necessário buscar meios para que eles possam se expressar com naturalidade na sala de aula ao mesmo tempo em que desenvolvem a escuta do outro.

Oliveira (2019) lembra que é importante para o estudante exercer seu poder de fala na sala de aula e o seu direito de discordância, para formação de sujeitos leitores autônomos e críticos. Se o educando não falar quem falará por ele?

Para Benjamin (2020), quem escuta uma história, diferentemente de quem lê um romance, desfruta da companhia de quem a conta e participa da sua história. A história nunca morre, vive para sempre no coração do ouvinte e de quem as perpetua.

Todas as pessoas são contadoras de história nem que seja da sua própria. Vale destacar que algumas pessoas não tenham se dado conta disso, ou tenham perdido essa habilidade, talvez porque em algum momento foram silenciadas. Assim, contar histórias e se deixar enleitar por elas pode resgatar a necessidade de contar a sua, da sua família e até da comunidade.

Busatto (2013) fala da possibilidade da evolução da contação de histórias através do uso das tecnologias. É possível continuar contando histórias mesmo diante da evolução tecnológica e ajustar os dois seria uma maneira de atrair a nova geração com os *e-books* e as leituras digitais. Perde-se, porém, a magia da contação de boca (Coelho, 1999) na qual teríamos a possibilidade de olhar nos olhos de quem ouve e observar as suas expressões corporais. Mas esse seria o futuro das histórias?

Não podemos negar que com o crescimento das tecnologias de comunicação a escola acaba ficando em desvantagem se não acompanhar.

Vivemos em uma era digital e encontramos tanto dentro, quanto fora da escola essas tecnologias. O mundo mudou e com ele a maneira de ler o mundo ou as novas leituras inseridas. Então, por que não trazer para a contação de histórias essa nova leitura? Hoje nas escolas, inclusive nas públicas, já são utilizados os livros digitais o que oportuniza aos alunos várias formas de se contar um conto para que eles tenham a livre escolha do que melhor lhes alcança.

Oliveira (2014 *apud* Freire, 2009) traz o conceito de enleituramento que é um termo usado para nomear aquele sentimento que o leitor tem ao se apropriar da leitura, fazendo uma interrelação com outros textos lidos anteriormente, que amplia a visão do texto, tornando-o significativo para o leitor, pois vai além do texto, trazendo para o contexto sua leitura de mundo.

Enleiturar-se é preciso! Então nada melhor que proporcionar aos alunos momentos de contação de histórias para que eles possam, de maneira crítica e participativa, se relacionar com outras leituras e com a sua 'leitura de mundo'.

Abramovich (2009) lembra que as aventuras através dos contos e dos livros, promove o envolvimento e traz experiências positivas. Além de ajudar na formação dos educandos, esses momentos são prazerosos e recompensadores pois:

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... é poder sorrir, gargalhar com situações vividas, pelos personagens com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor, e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento (Abramovich, 2009, p. 17).

A fase da infância é a que mais é marcada pela fantasia, pelo riso fácil, brincadeiras e possibilidades. Os contos vêm trazer esses momentos muitas vezes já esquecidos pelas cobranças de currículo e gramática. Fazer dos momentos de leitura e contação de histórias prazerosos, pode gerar nos educandos uma leitura com sentido e de sentidos. Vale destacar que a contação de histórias “[...] portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe [...] somente ao entendimento da linguagem. Preserva-se seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de transcender a palavra.” (Mateus *et al.*, 2014, p. 66). É nessa perspectiva que o presente trabalho foi desenvolvido, tendo em vista a necessidade do aprimoramento da práxis pedagógica, considerando a

importância da oralidade e do enleituramento através da contação de histórias

## RESULTADOS

Os resultados ilustram que a experiência aqui descrita foi momento de construção colaborativa do conhecimento, seguida pela possibilidade de identificação de mudanças com base na descrição dos processos de enleituramento dos discentes do 5º ano. Considerando as duas etapas da pesquisa, foi possível acompanhar os avanços no desempenho dos alunos, comparando as duas fases. A primeira etapa na sala de aula com os educandos do 5º ano do ensino fundamental, momento no qual o questionamento: como poderemos melhorar a leitura, oralidade e o enleituramento? norteou o início da atividade e conduziu a turma a dialogar sobre a ação de contar histórias em sala de aula.

Durante a discussão propomos a contação de história como recurso para melhorar a performance dos alunos diante das dificuldades que enfrentam para ler ou se expressar, oralmente. Sendo aceita a sugestão, apresentamos vários textos: contos oriundos de diversos povos (europeus, indígenas, africanos, asiáticos etc), oferecido aos educandos para que pudessem escolher. Foi utilizada uma linguagem que favoreceu a construção de ambiente acolhedor (a meia luz), para que os alunos pudessem se sentir receptivos a ouvir e também a participar. O presente trabalho serviu para “[...] fazer progredir a consciência dos participantes no que diz respeito à existência de soluções e de obstáculos” (Thiollent, 1986, p. 20).

Os contos escolhidos foram apresentados nas aulas de Práticas literárias duas vezes por semana através da contação oral, utilizando para isso, uma caixa de histórias que continha recursos visuais, que foram usados pelos educandos. Num segundo momento, houve uma discussão com o grupo sobre a percepção que cada um teve das histórias. Então, deu-se início a segunda etapa onde foi apresentada a sugestão para realizar o reconto com os educandos do 1º ano. Os alunos foram orientados a formarem equipes e logo após escolher os contos que eles iriam apresentar. Foram escolhidos os dias dos encontros e iniciado o

preparo do que eles precisariam para a apresentação. Os contos escolhidos foram: 'Os três porquinhos', 'Menina Bonita do laço de fitas', um conto criado por eles, 'Frozen Negra', 'Chapeuzinho Vermelho' e 'D. Baratinha'. Os dois últimos foram utilizados para a contação junto com os alunos. Eles fizeram as falas dos personagens. Foram reservadas algumas aulas para ensaios e escolha do figurino. Na semana da apresentação confeccionou-se uma carta convite com informações dos dias e horários das apresentações, que foi entregue por eles a turma escolhida.

No dia da apresentação, depois da turma convidada ter se acomodado nas cadeiras arrumadas em forma de semicírculo, a turma fez uma pequena apresentação do que iria ocorrer e começaram a apresentar. Fizeram a contação de história com muita empolgação e participação dos convidados.

As apresentações ocorreram conforme o calendário estipulado e após cada apresentação, os educandos realizaram atividades de pintura e música com o tema da história aos convidados como forma de interação e descontração entre as turmas. Os alunos do 5º ano, auxiliaram os convidados na execução das mesmas. Foi um momento de crescimento e interação entre as turmas. Depois das apresentações fizemos uma breve avaliação oral da atividade.

## **CONCLUSÕES**

Apesar de vivermos em um mundo tecnológico no qual a comunicação acontece bastante virtualmente, ou seja, de forma escrita ou oral, através de aplicativos, ainda é enriquecedor utilizar-se da contação de história e da oralidade para momentos de prazer, aprendizagem e descontração, ou até mesmo com fins terapêuticos, como foi evidenciado na fundamentação teórica.

O tema em estudo é desafio que conduz a repensar o quanto contar e ouvir histórias são atos sociais, que criam laços entre quem conta e quem ouve. Neste artigo, cujo objetivo foi narrar uma experiência de contação de histórias no Ensino Fundamental com uma turma do 5º ano de uma Escola Municipal na cidade do Salvador, Bahia, os alunos demonstraram, que, de forma experimental, esses atos sociais possibilitam mudanças positivas, contribuindo

para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem.

Proporcionar momentos de aprendizagens e vivências com os alunos e mostrar como eles podem utilizar a fala para expressar a arte da comunicação e interação, despertou total interesse dos educandos, pois eles se sentiram coautores do projeto por serem atuantes em todas as etapas. Isso gerou o sentimento de pertencimento, fazendo com que almejassem, tanto pelos momentos de ouvirem as histórias, quanto pelos momentos de contá-las. No final, todos ganhamos, eu enquanto educadora pude ver a empolgação e o desenvolvimento dos alunos que sugeriram até criar uma história para participar, como em outros momentos puderam contribuir junto comigo na elaboração do roteiro de apresentação, como também, na escolha dos personagens.

Foi possível observar que até os mais tímidos se aventuraram a fazer pequenas participações ao verem a empolgação dos demais. Observou-se também que esse tipo de atividade engloba o aprimoramento outras habilidades como a escrita, no caso da carta-convite, roteiro, lista das histórias, adaptações e até mesmo a escrita de uma história feita por eles mesmo, o que não havia sido previsto no momento inicial.

Concluimos falando o quanto esse tipo de atividade pode ajudar aos educadores na sua sala de aula, pois de maneira lúdica podem ajudar aos seus alunos a desenvolverem habilidades artísticas e literárias, previstas na BNCC, bem como: leitura autônoma de textos narrativos com a ajuda do professor e dos colegas e reconto de textos literários e histórias.

Assim, vale mencionar que o ensino da oralidade é instrumento que favorece ao educando a se posicionar no mundo, enquanto sujeito social, tomando posição do seu lugar de fala, porque quando ensinamos nossos alunos a se expressar oralmente garantimos que ele estará apto para fazer isso em qualquer lugar que ele precise fazê-lo para expressar suas ideias e os seus posicionamentos. Esse aprendizado se torna ainda mais significativo quando acontece no convívio com seus pares. E, quanto mais essa aprendizagem for prazerosa, e eficaz será de maior valia para todos. Para os alunos que não concebiam a aprendizagem como 'um peso a ser carregado', nem para os educadores que verão os resultados do processo de aprendizagem de maneira

efetiva, contribuindo assim pra um ensino de qualidade e para a formação de sujeitos não passivos, mas críticos e ativos, coparticipantes no processo educacional.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2009.

BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias e outros textos**. Trad. Patricia Lavelle. 2 ed. São Paulo: Hedra 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2019. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 01 jul. 2024.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca *et al.* A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em ação**, Campinas, p.54-69, v. 5, n. 1, 2013. Disponível em:  
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477/7227>. Acesso em: 05 jul. 2023.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa. A constituição do sujeito leitor através do enleituramento. **Linha mestra**, [S.l.], n.24, jan./jul., 2014.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa. **Guia de contação de histórias**. [S.l.]: UNESCO, 2022. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - DIDÁTICO).

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SUNDERLAND. Margot. **O Valor Terapêutico de Contar Histórias: para as crianças pelas crianças**. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia da Rocha Franco. São Paulo: Cultrix, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986. (Coleção temas básicos da pesquisa-ação).

TRIPP, David. Pesquisa-Ação: Uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.